

# O DOSSIÊ “*CARTILHA CAMINHO SUAVE*, DE BRANCA ALVES DE LIMA: NA HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO DO BRASIL”

---

**Juliano Guerra Rocha**

*Professor da Prefeitura de Itumbiara/GO e Secretaria Estadual de Educação de Goiás,  
Pesquisador do Grupo de Pesquisa “História da Alfabetização: Lugares de formação, Cartilhas  
e Modos de fazer” – UFU  
professorjuliano Guerra@gmail.com*

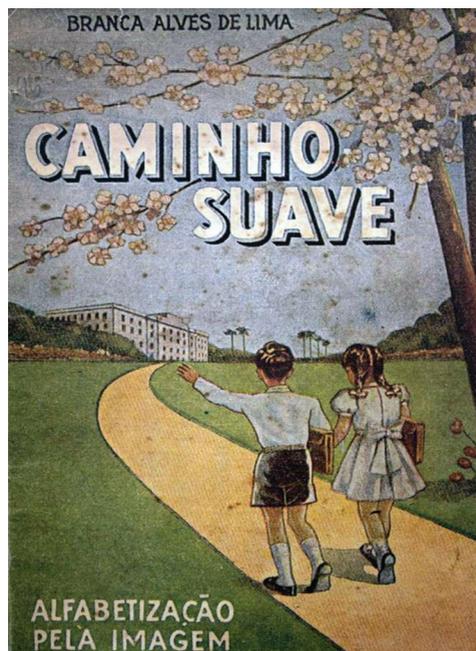
**Silvia Aparecida Santos de Carvalho**

*Coordenadora Pedagógica da Prefeitura de São Paulo,  
Pesquisadora do Grupo de Pesquisa ALLE-AULA/UNICAMP  
silviacarvalho1@gmail.com*

**Ilsa do Carmo Vieira Goulart**

*Professora do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação da UFLA,  
Pesquisadora do NELLE/UFLA, ALLE-AULA/UNICAMP  
ilsa.vieira@uol.com.br*

## Retrato de Branca Alves de Lima (1929)<sup>1</sup> e *Cartilha Caminho Suave* (68ª edição, 1965)



**Fonte:** O retrato de Branca pertence ao acervo pessoal da família da autora e a cartilha foi localizada no Centro de Referência em Educação Mario Covas, São Paulo.

---

<sup>1</sup> Esse retrato compõe o álbum de formatura de Branca, na Escola Normal do Braz, São Paulo, em 1929.

A história da alfabetização no Brasil tem se consolidado, nos últimos anos, como um campo temático autônomo e de natureza híbrida. A produção acadêmica destaca-se em estudos sobre a história do livro escolar no Brasil como um pretexto para a compreensão da complexidade que envolve as práticas culturais de ensino. Vários pesquisadores vêm se debruçando sobre a literatura didática, dedicando-se à análise de livros de leitura e de cartilhas, que circularam nas escolas em diferentes perspectivas: na história das edições de uma obra; na contribuição que determinado livro ou autor(a) tem na história da alfabetização; nos diferentes modos de recepção da obra pelos leitores, dentre outros aspectos. Embora alguns trabalhos acadêmicos tenham tematizado a *Cartilha Caminho Suave*, desconhecemos, no entanto, uma publicação (em livro ou dossiê temático em periódico) que tenha como objeto central esta cartilha ou a escritora Branca Alves de Lima.

A *Cartilha Caminho Suave* em 2018 completa 70 anos da sua primeira edição (1948), um tempo considerável pensando em um mercado editorial que se revigora por oferecer “novidades” aos leitores, no interior de uma disputa pelas fatias de demanda escolar. Trazer essa temática como discussão não tem como propósito uma apologia a seu sucesso, nem tampouco se configura como uma homenagem aos 70 anos. Intencionamos com a presente iniciativa compor um espaço de reflexão crítica para problematizar fatos como a continuidade desta cartilha no mercado editorial e, principalmente, a adesão assumida ou camuflada deste material por professores alfabetizadores em diferentes regiões do Brasil.

Neste sentido, esse dossiê tem por objetivo principal reunir alguns estudos no campo da história da alfabetização no Brasil, tomando a *Cartilha Caminho Suave* como temática e fonte de pesquisa.

Sem dúvida, a *Caminho Suave* faz parte do imaginário social dos professores e alunos espalhados pelo país, já que circula(ou) por diversos estados brasileiros e foi adotada em muitas redes de ensino e escolas como modelo oficial para alfabetizar as crianças, alcançando, com isso, o status de uma das cartilhas mais vendidas no Brasil, um verdadeiro fenômeno editorial ao longo de sete décadas.

O Dossiê Temático *Cartilha Caminho Suave, de Branca Alves de Lima: na história da alfabetização do Brasil*, primeiro Dossiê de caráter eminentemente histórico publicado na *Revista Brasileira de Alfabetização – ABAlf*, conta com a colaboração de oito estudos referentes à cartilha e sua repercussão no Brasil, o que amplia a compreensão deste fenômeno editorial, que ainda chama a atenção de pesquisadores da área da alfabetização.

No primeiro texto temos a contribuição do professor Agustín Escolano Benito com o artigo “Por el *Caminho Suave*. Tradiciones e innovaciones en los manuales de iniciación a la lectura y en la cultura de los docentes”, em que o autor faz uma descrição e análise da *Cartilha Caminho Suave* e outras publicações que marcaram a Espanha no mesmo período de publicação da

obra. Embora não tenha pesquisa direcionada à história dos manuais escolares utilizados pela escola pública brasileira, o autor apresenta suas considerações, suas intuições sobre a *Cartilha de Caminho Suave*, de modo a indicar que este material de introdução à leitura e à escrita deve ter assumido em sua origem, em 1948, uma extraordinária inovação didática destinada a retirar das salas de aula a soletração e os silabários, utilizados no século XIX e no início do século XX, o que provocou mudanças na prática pedagógica dos docentes e no contexto histórico do processo de transição dos métodos mecânicos para os métodos abrangentes.

As autoras Cancionila Janzkovski Cardoso e Lázara Nanci de Barros Amâncio trazem, no artigo “*Cartilha Caminho Suave: aspectos da constituição, trajetória e permanência na alfabetização brasileira*”, a análise comparativa de três impressos da série Caminho Suave, pertencentes ao acervo do grupo ALFALE (Alfabetização e Letramento Escolar): *Caminho Suave*, 69ª edição, de 1967; *Caminho Suave – Renovada e Ampliada*, 97ª edição, de 1987; *Manual do Professor*, 7ª edição, sem data de publicação. O texto reflete, portanto, sobre questões da trajetória e permanência da *Caminho Suave* na escola brasileira, situando as alterações da concepção de alfabetização de crianças e seus métodos, ao longo das décadas de circulação da cartilha. Valendo-se dos princípios da história cultural (Alain Choppin e Robert Darnton), as autoras apontam aspectos do contexto de produção da cartilha em pauta, expondo as premissas expostas por Branca Alves de Lima e suas formulações teórico-metodológicas que garantiram a “célere e duradoura disseminação” da *Caminho Suave* nas práticas de alfabetização no Brasil.

No artigo “Dona Branca Alves de Lima: professora, autora e empresária”, Diane Valdez desvela a trajetória de vida da autora da *Caminho Suave*, registrando a história da professora normalista, alfabetizadora, autora e também empresária. Tendo como principal fonte dois jornais em seus respectivos arquivos *online*, a *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*, Valdez constitui a biografia de Dona Branca – como a sua família e a maioria dos jornalistas a tratavam –, retomando aspectos da sua genealogia, formação e trajetória profissional. Ao final, a autora também analisa o impacto na vida pessoal e profissional de Branca a partir da entrada do discurso construtivista no Brasil e da retirada da *Cartilha Caminho Suave* do catálogo do Ministério da Educação, em 1996.

No artigo “Usos de *Caminho Suave* nas práticas de alfabetização: diferentes apropriações”, Estela Natalina Mantovani Bertoletti assume como temática as apropriações das professoras alfabetizadoras nos usos da série Caminho Suave, sobretudo, da Cartilha, na alfabetização de crianças no município de Paranaíba, interior do estado do Mato Grosso do Sul, em dois momentos distintos: durante as décadas de 1950 e de 1980. Esse estudo tem como foco os procedimentos de localização, seleção e ordenação de fontes documentais, elegendo como

centralidade da análise as fontes orais, por meio de entrevistas com quatro alfabetizadoras, e fontes escritas, os cadernos de planos de aula e anotações de um curso de formação de uma professora na década de 1980.

Eliane Teresinha Peres e Chris de Azevedo Ramil, em “Os usos da *Cartilha Caminho Suave* em escolas gaúchas: um estudo em cadernos de alunos em fase de alfabetização”, discorrem sobre os usos da *Caminho Suave* no cotidiano de classes de alfabetização de escolas gaúchas. A pesquisa se efetiva por meio da coleta de dados em cadernos de alunos em fase de alfabetização (dos anos de 1950 aos dias atuais, pós-publicação da cartilha) pertencentes ao acervo do grupo de pesquisa HISALES (História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares), no qual consultaram-se 651 cadernos de alunos da fase inicial de escolarização. Os dados revelam que, somente a partir do início dos anos de 1980, a utilização da *Caminho Suave* aparece nos cadernos mantidos no acervo. Considerando a perspectiva de uma história dos *fazer*es ordinários de classe (à luz da teorização de Anne-Marie Chartier), Peres e Ramil evidenciam a pluralidade de usos com a *Caminho Suave* nas escolas sul-rio-grandenses.

No artigo de Isabel Cristina Alves da Silva Frade e Luiz Augusto do Nascimento “*Cartilha Caminho Suave* em diferentes edições: análise de aspectos gráficos e editoriais”, os autores desenvolvem uma análise comparativa de três edições da *Cartilha Caminho Suave* – duas edições da década de 80 (1981; 1984) e uma de 2015, reimpressa em 2017. Tomando como referência a história do livro, com base em Roger Chartier e Robert Darnton, estudos sobre a história da alfabetização, sobre a cultura visual (Armando Petrucci), bibliografia material (Donald Mackenzie), tipografia e legibilidade (François Richaudeau), descrevem-se os formatos, a *mise en page* e elementos paratextuais de cada edição. Na pesquisa, Frade e Nascimento fazem uma descrição detalhada dos aspectos gráficos e editoriais, analisando as configurações de página, permanências e alterações/atualizações na cartilha. Ao final, também provocam uma reflexão sobre as memórias dos que foram alfabetizados com a *Caminho Suave*: “o interessante é que por mais que discutamos a falta de sentido daqueles textos, quando provocamos a memória, os leitores citam, saudosos, os tempos em que estudaram nesse livro [...]”.

Norma Sandra de Almeida Ferreira e Ilsa do Carmo Vieira Goulart apresentam, no artigo “‘Devo muito à Caminho Suave’: lembranças da cartilha”, o objetivo de inventariar e construir uma reflexão sobre impressões, lembranças e memórias de leitura de pessoas que foram alfabetizadas pela *Cartilha Caminho Suave*, no contexto escolar e não escolar. O trabalho assume como fontes documentais entrevistas semiestruturadas e postagens sobre a *Cartilha Caminho Suave*, disponibilizadas na rede social *facebook*, balizado pela perspectiva da história cultural. As entrevistas e as postagens aguçaram a produção de boas e

prazerosas lembranças, pelo ato de narrar, mobilizado em redes de sociabilidade afetiva culturalmente situada.

Silvia Aparecida Santos de Carvalho, Juliano Guerra Rocha e Sônia Maria dos Santos, no artigo “*Cartilha Caminho Suave: um estudo sobre as orientações para aplicação do método de alfabetização pela imagem*”, desenvolvem uma análise de dois impressos – *Auxiliar de Alfabetização* (1948) e o *Manual do Professor para a Cartilha Caminho Suave* (1982) –, que orientam o professor na aplicação do método de alfabetização proposto por Branca Alves de Lima, na *Cartilha Caminho Suave*. Diante disso, problematizam: como e por que a autora Branca Alves de Lima organizou e concebeu orientações para a aplicação do método de alfabetização pela imagem? Quais pressupostos teóricos e metodológicos embasaram essas orientações? Quais recursos foram utilizados para a orientação dos professores acerca da aplicação do método? Que modificações e continuidades observamos entre as duas edições? Carvalho, Rocha e Santos constituem suas análises, principalmente, baseados na consulta ao acervo da família de Branca e a partir de entrevistas com familiares da autora e com um dos ilustradores da *Caminho Suave*.

A iniciativa de elaboração de um Dossiê Temático sobre a *Cartilha Caminho Suave* favorece, indubitavelmente, a composição de um espaço de reflexão sobre o lugar que essa cartilha ocupa na história da alfabetização no Brasil, bem como sobre as dificuldades encontradas nas práticas de alfabetização ainda presentes em nosso país.

Alertamos o leitor interessado de que acreditamos que a proposta de ensino da *Caminho Suave* encontra-se hoje superada, tendo em vista o desenvolvimento de vários estudos que se ocupam com os processos de aprendizagem da leitura e da escrita. Contudo, reconhecemos a importância de observarmos as estratégias contidas nessa proposta que perdura até os dias atuais compondo ainda as práticas de muitos professores alfabetizadores.

Esperamos, assim, que os estudos aqui reunidos contribuam para a compreensão desse fenômeno editorial, mas que, sobretudo, sirvam de instrumento para o aprofundamento das reflexões acerca das práticas de alfabetização presentes nas escolas brasileiras a fim de que, num futuro breve, *todas* as crianças desse país possam saber ler e escrever.